

## ABORDAGENS SOBRE O ESTILO NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS

Rafaela Veloso Machado (UFPB)  
rafaela\_ufpb@hotmail.com

### INTRODUÇÃO

De um lugar para outro, de uma situação para outra, de um indivíduo para outro, é comum perceber que as pessoas realizam certas escolhas entre sons, palavras ou estruturas na hora de usar a língua. Essa ampla variedade de diferenças linguísticas é o que caracteriza a variação.

Da diversidade humana é que advém a diversidade linguística, pois uma língua é reflexo dos seus falantes. Isto quer dizer que língua e sociedade determinam-se e se constroem fundamentadas na relação que existe entre elas, visto que do contato linguístico caracteriza-se a estruturação e formação de uma sociedade e esta se particulariza, entre outras coisas, pela sua língua.

A Sociolinguística entende que a língua é um sistema essencialmente variável, e adota como objeto de estudo, justamente, a variação, entendendo-a como um princípio comum e universal, passível de ser sistematizada. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são determinadas por fatores de ordem linguística e social e para a sistematização dessa variação faz-se necessário estabelecer a correlação entre esses fatores.

É a partir da noção de que a variabilidade é intrínseca a qualquer sistema linguístico que os estudos variacionistas vão buscar explicações para o fato de o falante utilizar uma determinada forma linguística e não outra.

Nesse sentido, tão importante quanto considerar e analisar a língua inserida em sua esfera sociocultural é admitir e investigar também as especificidades desta última, uma vez que a explicação para o uso das variantes depende do contexto externo ao sistema linguístico, tanto quanto da estrutura interna da língua.

Quando se fala, revela-se uma vasta configuração de características do contexto social do indivíduo. E dentre os fatores que interagem na escolha de uma dada forma linguística, acredita-se que o estilo é agente crucial para o fenômeno variável.

A noção de estilo é comumente relacionada à ideia de atitude, comportamento, ou modo de exprimir-se. Em qualquer uma das caracterizações há sempre uma relação com a individualidade, com um traço particular que destaca o indivíduo dos demais, seja para falar, escrever, vestir, agir, etc. Trata-se da maneira como o indivíduo se coloca no mundo: como ele se vê, como ele se mostra (ou quer se mostrar) e, em consequência, como é visto pelas outras pessoas com quem se interage direta ou indiretamente.

Desse modo, estudar o estilo significa tentar compreender esses modos distintos e distintivos de se manifestar pela língua(gem). Sabe-se que não existe falante de estilo único, todo falante exibe alternâncias de variáveis linguísticas, em maior ou menor grau, quando se altera o contexto social e a temática da interação. São variações que dependem do contexto, do interlocutor, do ambiente ou do tópico da interação, e que se observa lexicalmente, sintaticamente, fonologicamente, prosodicamente, enfim, em todos os níveis da língua.

Para as pesquisas sociolinguísticas o estilo é tratado como uma restrição capaz de influir em um dado fenômeno linguístico, como uma escolha (consciente ou não) feita pelo indivíduo em seus comportamentos linguísticos.

O estilo nada mais é do que aquilo que o falante faz com a língua levando em conta o universo social que o permeia. É, eminentemente, algo social, e como tal, encontra seu

significado nas associações entre o indivíduo, sua identidade e os papéis que ele desempenha no mundo.

Ao longo dos anos, diferentes modelos de estudo do estilo se desenvolveram na área da Sociolinguística, cada um com um enfoque específico. Como o objetivo desse texto é mostrar essas abordagens que envolvem a relação variação/estilo, sobretudo no que concerne às chamadas “ondas” de análise sociolinguística (ECKERT, 2005)<sup>1</sup> apresento, primeiramente, ideias gerais sobre o tema, seguido da exposição dessas propostas para o estudo da variação estilística, para finalizar com alguns comentários pertinentes ao tema.

## 1. A TEORIA SOCIOLINGUÍSTICA E O ESTILO

De acordo com Labov (2008) não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística fora da vida social da comunidade em que ela ocorre. Esse conceito de relação indissociável entre língua e sociedade é o que fundamenta, primordialmente, a Teoria Sociolinguística. Com isso, convém compreender que as pessoas não usam a língua da mesma maneira em todos os contextos em que estão inseridos.

A variação linguística é algo inerente à linguagem humana e decorre de inúmeros fatores intervenientes na forma linguística utilizada. De acordo com Tarallo (1990, p. 8), as formas linguísticas em variação denominam-se variantes linguísticas, que são “as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”.

No que concerne ao universo de fatores que interferem na variação, eles tanto podem ser internos à língua, os chamados estruturais ou linguísticos – de caráter fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo – como podem ser externos, que são os de caráter social, que reúnem fatores intrínsecos ao indivíduo ou decorrentes de fatos contextuais – como o sexo, a idade, a escolarização, o poder aquisitivo, a classe social, a raça ou, ainda, o grau de formalidade ou tensão da circunstância discursiva. Entender o real funcionamento de uma língua requer, entre outras coisas, que se estabeleça a correlação entre esses dois universos de fatores.

No âmbito dos estudos sociolinguísticos de base quantitativa, a investigação inicial do uso do inglês em Nova Iorque (LABOV, 1966) indicou o papel crucial que os estilos desempenham na mudança do código linguístico. Labov demonstrou em seu trabalho que a variação linguística estava diretamente associada à alternância do estilo. O estilo, por sua vez, foi concebido em função do automonitoramento da própria fala, disposto numa única dimensão, que obedecia aos graus de monitoramento estabelecidos.

No entanto, pôde-se perceber que as variáveis estilísticas foram deixadas de lado pelas análises variacionistas, porque as técnicas da linguística da época eram tidas como inadequadas ou insuficientes para lidar com elas. A partir da última década, contudo, é possível perceber que os estudos variacionistas passaram a tratar a variável estilística com maior atenção, reconhecendo a importância de se investigar a variação nas situações em que opera o estilo individual dos falantes.

O objetivo das pesquisas sociolinguísticas que versam sobre o estilo é observar como a variação linguística é influenciada pelo estilo de fala e, mais especificamente, analisar como esse estilo se configura nas comunidades examinadas e em que medida ele é determinante para a construção da variedade linguística da comunidade em questão.

---

<sup>1</sup> As traduções que aparecem neste texto, salvo os casos de obras já traduzidas, são de minha responsabilidade.

## 2. ABORDAGENS SOBRE O ESTILO NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS

Tradicionalmente, os estudos sociolinguísticos costumam considerar a variação estilística em função das situações de formalidade ou informalidade em que o falante está inserido. Essa foi a abordagem dada ao estilo por Labov em seu estudo de 1966, sobre o inglês falado em Nova Iorque. E esse foi o modelo de análise que prevaleceu nas pesquisas variacionistas, desde o estudo pioneiro de Labov até os dias atuais.

Essa versão relaciona-se com outra abordagem dada ao estudo do estilo, que atribui ao falante o papel de orientar o seu estilo em função dos interlocutores que estão envolvidos no processo de interação linguística. Um desses modelos foi proposto por Allan Bell com o seu trabalho com locutores de rádio, realizado em 1984.

Recentemente, os estudos em estilo têm buscado entender a variação considerando os papéis e atividades que o indivíduo desempenha nas suas relações sociais. Trata-se de analisar o estilo como um mecanismo que contribui efetivamente para a construção do significado social da variação. Essa é a proposta de Eckert (2005) e o estudo do estilo enfocando as comunidades de práticas.

Vale salientar que as propostas não são, necessariamente, excludentes, mas cada uma determina os seus fundamentos que visam contribuir para a análise e compreensão do fenômeno da variação linguística.

### 2.1 O estilo como atenção à fala (Labov, 2008<sup>2</sup>)

Atribui-se a Labov o papel de ter lançado as bases teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista, em seu clássico estudo sobre o inglês falado em Nova Iorque (1966), e de ter, pela primeira vez, refletido sobre o papel do estilo no uso da língua.

A atenção à fala é o cerne da sua proposta de estudo do estilo. Para ele, a mudança de estilo pode ser medida pelo grau de monitoramento que um falante dedica à própria fala. Quanto maior for o nível de atenção do falante, maior será o seu direcionamento linguístico em relação à variedade padrão da língua. Do mesmo modo, quanto maior a desatenção do falante ao seu modo de falar, maior será a aproximação ao uso vernáculo da língua.

Labov ressalta que o vernáculo é o estilo de ideal para as análises linguísticas – aquele a que o sujeito presta o mínimo de atenção ao monitoramento da sua fala, o uso encontrado na maioria das circunstâncias linguísticas do cotidiano, em casa, nos bares, com amigos e familiares.

A fim de obter esse vernáculo, a teoria laboviana estabeleceu um contínuo estilístico que vai da fala mais casual – dada pelos contextos de informalidade, de menor atenção à fala (casual speech) – a mais monitorada – revelada pelos contextos formais, de alto grau de atenção (careful speech).

Os estudos em estilo que seguem essa teoria costumam considerar que as mudanças nas formas de uso da língua se dão num contínuo vernáculo-padrão. Vernáculo aqui entendido como “a enunciação e expressão de fatos, proposições e ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enuncia-los” (TARALLO, 1990, p. 19) e o padrão correspondendo à fala formal. Isto quer dizer que, para esses primeiros estudiosos em estilo, a variação na língua se estende da informalidade à formalidade e/ou vice-versa.

Labov demonstrou em sua pesquisa com as variáveis fonológicas que as variáveis que estavam associadas à formalidade, correspondiam ao padrão da língua e gozavam de prestígio na sociedade; por outro lado, as variáveis encontradas fora das situações formais de entrevista, fruto da espontaneidade ou casualidade, geralmente se associavam ao uso

---

<sup>2</sup> O texto usado como referência é a tradução de Marcos Bagno (2008) para o original de 1972.

linguístico não-padrão, nitidamente estigmatizado pela população. Trata-se, aqui, de uma correlação inversamente proporcional entre o uso das variáveis linguísticas com o status socioeconômico dos falantes. Em outras palavras, nos grupos de menor poder aquisitivo e/ou menor escolaridade havia um uso maior de variáveis não-padrão/estigmatizadas, ao passo que nos grupos de maior poder aquisitivo e/ou maior escolaridade o uso dessas variáveis era reduzido.

Ele vai defender que o uso das variáveis sociolinguísticas é socioeconomicamente estratificado e que, de forma correlata, cada escolha estilística do falante está relacionada a um subconjunto contínuo de usos no interior da matriz socioeconômica. Desse modo, no contínuo estilístico proposto por Labov, as variedades de prestígio realizadas pelo falante posicionam-se na extremidade mais alta da escala da hierarquia socioeconômica, enquanto a fala mais coloquial, na qual se evidenciam as escolhas mais estigmatizadas, situam-se na extremidade oposta do contínuo. Sendo assim, a atividade estilística do falante, e as estratégias operadas com respeito a esta mesma hierarquia, estariam diretamente vinculadas ao lugar que ele ocupa na hierarquia socioeconômica (ECKERT & RICKFORD, 2001).

Tanto mais se possa determinar os níveis de atenção prestada à fala, mais se conseguirá analisar as alternâncias de estilo e, assim, estabelecer relações mais precisas no estudo das estruturas sociolinguísticas como um todo.

Uma das críticas que se faz ao esquema de Labov é o modelo unidimensional do contínuo estilístico, orientado unicamente pela atenção à fala, e as suas correlações de atenção-formalidade-prestígio/desatenção-informalidade-estigma, uma vez que os trabalhos posteriores atentaram para o fato de que a avaliação dada às variantes pode alcançar um caráter multidimensional, abarcando questões como atitude, identidade e simbologia internas às comunidades linguísticas, podendo o falante convergir conscientemente para o vernáculo da comunidade como uma maneira de procurar/demonstrar engajamento.

Labov, no entanto, alertou para o fato de que a sua abordagem de *atenção à fala* não ter propriamente a intenção de abranger os diversos tipos de estilo de fala possíveis de encontrar na vida real ou, ainda, os vários fatores condicionadores, mas simplesmente servir como um meio útil para identificar a fala informal na entrevista sociolinguística. O seu modelo é, sobretudo, uma metodologia para o isolamento dos estilos contextuais passíveis de serem encontrados numa entrevista sociolinguística. (LABOV, 2008)

É importante ressaltar ainda que essa concepção traz uma importante reflexão para os estudos que pretendem analisar a língua em situações reais de uso, pois coloca a atenção como o modo cognitivo que liga o social aos fatores linguísticos.

## **2.2 O estilo orientado para/pela audiência do falante (BELL, 1984)**

Bell (1984) afirma, logo no início do seu texto, que a dimensão do estilo da variação linguística não havia sido tratada adequadamente na teoria sociolinguística até então. Isso, sobretudo, quando se trata do modelo de ‘atenção à fala’ proposto por Labov (2008).

Ele chama a atenção para o fato de que a variação intrafalante origina-se da e reproduz a variação interfalantes. Neste sentido, seu modelo teórico coloca o destinatário no centro da proposta, salientando o papel decisivo que o ouvinte tem para as mudanças de estilo refletidas linguisticamente.

O trabalho de Bell teve origem na sua pesquisa de doutorado, realizada com locutores de rádio da Nova Zelândia, em 1977. Ao analisar a variação presente na fala desses repórteres, ele percebeu que o único fator capaz de justificar a ocorrência da variação estilística era a audiência dos programas, uma vez que a configuração desses programas contava com os mesmos locutores, tratava de notícias semelhantes, mas destinava-se a públicos ouvintes distintos.

O pesquisador então concebeu o estilo como sendo norteado pelas pessoas com quem se fala, em contraponto ao contínuo de formalidade proposto anteriormente por Labov. Nas suas palavras “o estilo é essencialmente uma resposta do falante a sua audiência” (BELL, 1984, p. 145). Baseado nessa concepção, Allan Bell estendeu suas observações a outros domínios de uso da língua e percebeu que o seu modelo poderia ser ampliado para as mais diversas situações de comunicação.

Do contato com outras ideias advindas da Teoria da Acomodação, Bell desenvolveu seu modelo teórico denominado “Audience design”. Esse modelo explica que o falante molda o seu estilo principalmente em relação ao seu destinatário. Assim, a mudança de estilo decorre das diferenças linguísticas dos indivíduos que fazem parte de grupos sociais distintos.

Bell (1984) observou que os falantes revelam grande capacidade de moldar seu estilo de fala em razão da ampla gama de audiência na qual se encontrem. Sua proposta evidencia que a variação estilística é indubitavelmente reflexo do social.

Quando se avalia a relação entre a variação e os grupos sociais não se identificam, em geral, variáveis individuais; a variação é comumente interpretada como um fenômeno/manifestação do grupo. Porém, a variação estilística indica que as modificações linguísticas que ocorrem intrafalante (numa mesma pessoa) representam um aspecto central na compreensão do processo variável como um todo, pois ela representa os modos de variação que ocorrem na interação entre as pessoas do grupo.

Ao destacar a importância da audiência para as alternâncias de estilo na língua, o autor não elenca somente o papel do ouvinte, seu destinatário, mas ressalta também o papel que outras pessoas da audiência desempenham na articulação que se faz do estilo de fala em relação à situação de interação em que se encontra, mesmo que em menor grau. A audiência, então, é composta por destinatários que podem ser conhecidos, ratificados e interpelados, conhecidos e ratificados, conhecidos e não ratificados, ou ainda, desconhecidos.

Seguindo o esquema dado por Fernández (1998, p. 99), os quatro tipos de ouvintes elencados por Bell caracterizam-se como se segue:

	Conhecido	Ratificado	Interpelado
<b>Interlocutor</b>	+	+	+
<b>Ouvinte formal</b>	+	+	-
<b>Ouvinte casual</b>	+	-	-
<b>Curioso</b>	-	-	-

Ainda que as mudanças de estilo expostas neste modelo de análise caracterizem-se por serem eminentemente responsivas, a teoria prevê também uma atitude iniciativa do falante, quando usa o estilo para redefinir a situação existente.

É importante dizer que este modelo trouxe para as análises de variação estilística uma visão que associa o uso da língua a estratégias de identificação com os grupos aos quais pertencem, ou querem pertencer, os falantes, mesmo que tenha concebido o estilo numa perspectiva unidimensional: a da audiência.

### 2.3 O estilo e as três ondas de estudos de variação (ECKERT, 2005)

Segundo Eckert (2005), os estudos sociolinguísticos de base quantitativa, ao longo dos anos, apresentaram abordagens distintas sobre o fenômeno da variação, no que concerne aos seus pontos de vista, metodologias e práticas de análise. Em seu texto *Variation, convention, and social meaning*, a autora apresenta três tendências de estudos da variação, às quais ela classificou como “ondas”; ondas estas que não se sobrepõem umas às outras no ordenamento histórico da disciplina, mas cada uma faz parte do todo que corresponde ao estudo da variação linguística.

A primeira tendência foi fundamental para os estudos variacionistas, pois as pesquisas que se inserem nessa perspectiva fizeram uma ampla descrição e distribuição dos usos variáveis de grandes populações urbanas ao redor do mundo, considerando a correlação dos usos com as restrições sociais, como sexo, idade, classe social, etc.

Os estudos da primeira onda, dos quais destaca-se o trabalho de Labov na cidade de Nova Iorque, que já foi mencionado aqui no texto, relacionam a hierarquia socioeconômica ao uso padrão ou não-padrão das variantes linguísticas. E a variação estilística aparece num contínuo de formalidade/informalidade que obedece aos mesmos padrões de estratificação usados para estratificação das variáveis. O estilo está relacionado ao grau de monitoramento que o indivíduo faz da própria fala considerando o contexto no qual está inserido.

A primeira onda pode ser resumida como se segue (ECKERT, 2005, p. 3):

- Grandes estudos de levantamento das comunidades geograficamente definidas
- A hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social
- Variáveis como marcadores de categorias sociais primárias e carregando as noções de prestígio/estigma
- Estilo como atenção prestada à fala e controlado pela orientação em direção ao prestígio/ estigma

Essa é a concepção do estilo que prevalece, majoritariamente, nos estudos variacionistas de base quantitativa desde o trabalho de Labov, na década de 60 do século passado, até os dias atuais.

Uma crítica que se faz a esse modelo de análise enfatiza, principalmente, a dimensão estrita na qual se coloca as variáveis e o estilo, orientados, uniformemente, em torno de um contínuo que associa situações formais a usos prestigiados da língua e situações casuais a variantes estigmatizadas.

A segunda tendência surgiu, então, com a motivação de investigar mais profundamente a significação dos usos linguísticos no interior das comunidades. Esta onda é caracterizada pelos estudos etnográficos empreendidos em comunidades menores, por períodos relativamente longos de tempo.

As pesquisas que se encaixam nessa perspectiva buscam uma observação mais precisa das práticas sociais da comunidade estudada, para que seja possível relacioná-las com a variação da língua. Eckert (2005) cita como exemplos dessa abordagem a pesquisa de Labov em Martha's Vineyard, em 1963, e o seu próprio trabalho, realizado em 1989, com adolescentes de Detroit. Nesses estudos, salienta-se que o uso das variáveis está relacionado com a ideologia e o modo de vida da comunidade. É a prática social local que define o valor de uma dada variável. E o estilo, então, passa a ser definido de acordo com o engajamento do sujeito nas atividades locais.

A segunda onda pode ser caracterizada assim (ECKERT, 2005, p. 15):

- Estudos etnográficos das comunidades definidas geograficamente
- As categorias locais como elo para as demográficas
- Variáveis como indicadores de categorias localmente definidas
- Estilo como atos de filiação

Os resultados dos estudos da segunda onda foram além das categorias sociais primárias elencadas nos estudos da primeira onda e identificaram as categorias sociais relevantes que estavam vinculadas ao lugar. Os estudos etnográficos demonstraram que as formas de falar estão carregadas com o significado local. Isso permitiu que se pensasse na

língua como uma prática construída na dinâmica das interações sociais. Dessa perspectiva, origina-se a terceira onda de estudos da variação.

Essa tendência foca o significado social das variáveis e busca estudar o papel da variação na prática estilística. Não convém, somente, identificar as variáveis, mas tentar entender o papel que elas têm na construção dos estilos, uma vez que eles representam a chave para a compreensão do fenômeno da variação linguística.

Sendo assim, a explicação para as mudanças de estilo devem ser buscadas nas relações sociais que se estabelecem no interior das comunidades de práticas. “Comunidade de prática é um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum” (ECKERT e McCONNELL-GINET, 2010, p. 102)<sup>3</sup>.

Em outras palavras, uma comunidade de prática é definida como um grupo de pessoas que compartilham um interesse comum e interagem regularmente em torno dessa atividade. É possível enumerar três critérios que caracterizam as comunidades de prática: o domínio de interesse compartilhado, que distingue os membros da comunidade das outras pessoas; a comunidade que se envolve e desenvolve atividades conjuntas, ajudando-se mutuamente e compartilhando informações e aprendizados e a prática desenvolvida e compartilhada, geradora de experiências, histórias e ferramentas que demandam tempo e interação para se constituírem. Com o desenvolvimento desses três elementos em paralelo, tem-se constituída uma comunidade de prática.

De acordo com essa perspectiva, os padrões linguísticos se estruturam na medida em que os seus falantes estão, efetivamente, participando de atividades, nas quais desenvolvem práticas sociais, nas comunidades em que participam.

A terceira onda pode ser determinada pelas características abaixo (ECKERT, 2005, p. 30):

- Estudos etnográficos das comunidades de prática
- As categorias locais construídas através de posições/posturas comuns
- Variáveis como indicadores particulares, atividades, características
- Estilo como construção da *persona*

A proposta de Eckert (2005) é estudar o papel da variação na prática estilística. Não se trata somente de identificar os fenômenos variáveis nos estilos, mas compreender de que maneira esses fenômenos compõem o significado social da variação. Disso decorre que as variáveis não estão associadas a um estilo de modo rígido ou estático, mas são construídas, definidas e ressignificadas nas práticas das quais emergem. O estilo se configura, portanto, como a manifestação visível do significado social.

## CONCLUSÃO

Durante décadas os estudiosos da Sociolinguística têm buscado compreender o real significado da variação, isto é, quais os fatos históricos, culturais, políticos ou sociais que motivam a escolha de uma forma linguística em detrimento de outra. É evidente que os estudos desenvolvidos, desde o trabalho pioneiro de Labov em 1966, trouxeram para a comunidade acadêmica da Linguística valiosas explicações sobre o funcionamento da língua, os seus padrões sistemáticos e o ordenamento da variação, no entanto, as análises variacionistas detiveram-se, majoritariamente, nas restrições estruturais e sociais, dedicando pouca, ou nenhuma, atenção para a restrição estilística.

---

<sup>3</sup> Esse texto de Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet é de 1992. A data da fonte de pesquisa é da tradução, publicada em 2010.

Ainda existe uma lacuna nas discussões quando se trata efetivamente do valor social das alternantes linguísticas e suas implicações para a construção das línguas. Todavia, os estudos recentes têm mostrado que o estilo parece ter um importante papel no estudo da variação. Sendo assim, não se pode querer atingir um entendimento pleno do padrão de variação de qualquer língua se não for possível entender o seu padrão dentro da fala dos indivíduos.

Interessa estudar o estilo enquanto reflexo do contexto social constitutivo do falante, ou seja, discutir até que ponto um sujeito faz uso de elementos linguísticos específicos em função do lugar mais ou menos formal, das pessoas com quem interage e do assunto tratado na interação.

Acredita-se que os falantes dispõem de um repertório linguístico capaz de variar dependendo de onde e com quem se encontram. Ademais, sabe-se que o primeiro passo para o engajamento em um grupo social específico é adequação na condução dos estilos e práticas sociais e a acomodação na maneira de se expressar pela linguagem (linguagem aqui entendida desde uma forma mais estrita, como os traços linguísticos mais formais até a expressão pessoal por meio de roupas, cabelo, posição do corpo, uso do espaço, costumes, etc). Sendo assim, é preciso estudar o estilo enquanto reflexo do contexto social constitutivo da própria identidade da falante.

Nesse sentido, percebe-se que as escolhas linguísticas estão, em grande medida, relacionadas à identidade do falante. Esta, por sua vez – aliada a fatores identificatórios como gênero, etnia, faixa etária, classe social, escolaridade, formação profissional e práticas sociais – é o resultado da relação do indivíduo com as estruturas sociais em que ele está inserido.

Sendo assim, os estudos sociolinguísticos não devem se limitar à investigação dos fenômenos linguísticos sem que se faça uma correlação com os processos que identificam e formam os sujeitos enquanto o papel social que ele desempenha. Para efeito de análise, deve-se procurar investigar os locais de interação que estão vinculados às atividades compartilhadas pelos indivíduos, locais em que os significados sociais emergem pela linguagem.

Portanto, investigar a variação linguística presente na fala de determinados sujeitos em função do estilo representa o interesse de discutir questões fundamentais da Sociolinguística atual ainda em percurso: o significado social da variação e a construção da identidade linguística do falante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELL, Alan. **Language style as audience design**. *Language in Society*. 13 (2), 1984. p. 145-204.

ECKERT, Penelope. **Variation, convention and social meaning**. Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA. Jan. 7, 2005.

ECKERT, Penelope; McCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. [1992]. Tradução: Branca Falabella Fabrício. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. **Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de Sociolingüística y Sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel Lingüística, 1998.



HORA, Dermeval da; WETZELS, Leo. **A variação linguística e as restrições estilísticas**. Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, p. 147-188. 1ª parte 2011.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington D. C. Center of Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Martha P. Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope. **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.